O ANACRONISMO DO "ADMIRÁVEL MUNDO NOVO" DE PITTY: A CRISE DE SENTIDO DO HOMEM NEOBARROCO.

Egberto Guillermo Lima Vital[1]
Prof.ª Dr.ª Rosângela Queiroz[2]

RESUMO:

Devemos entender o Barroco como carrefour estético e cultural da literatura contemporânea brasileira. O que é muito evidenciado na obra da compositora Pitty é o seu diálogo com a estética literária do século XVII, suas composições apresentam traços do Barroco que perfilam uma espécie de busca de identidade, característico da crise de sentido do homem contemporâneo. O homem neobarroco busca fazer sua arte a partir do caos, montando assim, a ordem da/na desordem, como apresenta Omar Calabrase em A Idade Neobarroca. É esse homem anacrônico que Pitty nos apresenta, um "replicante" que buscam se afirmar e aferir sua identidade enquanto indivíduo singular.

PALAVRAS-CHAVE: anacronismo, crise de sentido, homem neobarroco.

Considerações Iniciais

"Todo debate sobre a modernidade na América Latina que não inclua o barroco é parcial e incompleto" (CHIAMPI, 1998, p. XV). É com base nessa citação de Chiampi que o presente artigo busca apresentar o barroco como *carrefour* estético e cultural da literatura contemporânea brasileira, tomando como objetos de análise, canções da compositora baiana Pitty presentes nos discos: *Admirável chip novo,* de 2003, *Anacrônico,* de 2005 e *{Des}concerto,* de 2007.

O que é muito evidenciado na obra da cantora é o seu diálogo com a estética do século XVII. Suas composições apresentam traços do barroco que perfilam uma espécie de busca de identidade, característica da crise de sentido do homem da modernidade tardia. Pitty procura fazer sua arte a partir do caos, montando assim, a ordem da/e na desordem, como propõe Omar Calabrese em "A Idade Neobarroca" (1999, p.132), a desordem torna-se a margem exterior à idéia de ordem.

[1] Aluno do 4º semestre da graduação do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.
[2] Orientadora deste trabalho

Além de analisar os signos verbais presentes em suas letras, buscamos enfocar os elementos extralinguísticos que constituem o discurso da artista, como a performance que marca com profundidade o universo "desconcertado" proposto por Pitty. Os arranjos caracterizados por distorções de guitarras e por baterias fortes metaforizam, numa espécie de intersemiose, o universo "caótico" em que se insere esse homem *neobarroco*, cuja principal peculiaridade é a de ser anacrônico, num ambiente em que as emoções/possibilidades humanas, de que se vê repleto, encontram-se francamente em baixa. O homem neobarroco, vendo-se imergido numa sociedade cada vez mais massificada, mostra-se como um "replicante", bem aos moldes da metáfora do homem-andróide em Blade Runner, buscando desesperadamente aferir e afirmar sua identidade enquanto indivíduo singular dentro de contextos cada vez mais homogêneos e homogeneizantes.

A *reapropriação* do barroco, então, tem nesta perspectiva o "valor de uma experiência poética" que inscreve o passado modificado, mas intacto quando aos valores, na dinâmica do presente para que a cultura "avalie suas próprias contradições na produção da modernidade" (CHIAMPI, 1998, p.3). É o que acontece na poética de Pitty: a artista se apropria da estética barroca, calcada em conflitos/antíteses, aparentemente insolúveis, para revelar o caráter contraditório presente no homem moderno (ou seria no caráter neobarroco do homem moderno, às voltas com a dialetização entre verdade e ilusão, desejo e culpa, amor e medo?). Assim, as crises de sentido desse homem emergem e se constituem em um universo totalmente conturbado e obscuro. Claustrofobicamente cercado por uma infinidade de informações, descobre-se, afinal, preso a um sistema que o obriga, a cada vez mais, se tornar alienado e entregue aos ditames de uma sociedade midiática e mercadológica. Porém, esse homem busca ir de encontro a essa cultura e tenta, a cada segundo, apresentar uma identidade própria, uma identidade singular, que o salva da ignorância lógica do sistema, mas não de ser engolido por ele.

1. A estética barroca, em rápidas pinceladas

Marcada pelo espírito dual das coisas, a cultura seiscentista enovelava-se em um emaranhado de conflitos éticos, culturais, morais, sociais e, principalmente, religiosos. A Contra-Reforma marca, no século XVII, uma cisão na estrutura social do Ocidente, em que se confrontavam dois modos de pensamento: o teocentrismo medieval e o antropocentrismo renascentista. O homem dessa época busca, então, sintetizar o sentido desses valores, o que constitui o instante caótico em que se

mergulha o Barroco: um momento de reflexão e de tensão constantes, e que se refletia em sua ideologia política, em seu comportamento, na sua estrutura social e, sobretudo, na sua arte.

Dividido entre dois mundos (o material e o espiritual), o homem barroco sente-se "alvejado" por inversões de valores que o levam a crer que a vida é efêmera, sendo a sua principal tarefa a de procurar a salvação para o seu espírito, razão pela qual vive na Terra. Porém, em contrapartida ele deve gozar desta vida, já que ela é passageira. Ele se descobre, então, como um rato apanhado na ratoeira, dentro deste conflito: viver (leia-se, para os padrões seiscentistas, pecar) ou "salvar-se". Por isso, é comum encontrarmos muitas figuras de estilo dentro dos poemas barrocos (metáforas, antíteses, hipérboles, paradoxos...), pois eles buscavam apreender a realidade através dos sentidos físicos e dos sentidos social e culturalmente atribuídos. O mundo é visto como um sistema que vive em contínua mudança.

Porém, buscamos tomar aqui, o barroco não enquanto estrutura histórica, ligado às monarquias e à aristocracia teocêntrica dos seiscentos. Buscamos sim, tomar o barroco enquanto unidade estética atemporal, que está em constante reforma e ressurreição.

O barroco, nesta perspectiva, surge para negar o espírito clássico, "o nosso devir permanente, o morto que continua falando, um passado que dialoga com o presente por seus fragmentos e ruínas" (CHIAMPI, 1998, p. XVIII).

É uma experiência estética que busca anacronicamente entender a formação e o funcionamento da sociedade contemporânea. Então, rebusca-se um passado com a intenção de se perfilar uma identidade própria; a estética se desdobra em novas produções que, antropofagicamente, a reescrevem e a redescobrem.

As canções de Pitty, que aqui serão apresentadas e analisadas, trazem os maiores traços do que seria essa reapropriação enquanto estratégia para se entender os conflitos identitários que se refletem na cultura e na arte desses "homens-replicantes".

2. A natureza do conflito do homem neobarroco (no contexto de Pitty)

Resultado de uma simbiose de culturas, o universo Latino-Americano se vê bombardeado por diversas formas de comportamentos, costumes e estados. Podemos afirmar que se trata de um ambiente em constante e infinita mutação.

É esta mescla de culturas distintas e diversas, que faz com que o estilo barroco seja intrínseco à estética criadora da literatura latino-americana. Foi observado por Chiampi (1998, p.12) que a maior parte dos textos aqui produzidos ao longo desses 20 anos, instauraram-se sob uma verdadeira síndrome barroca, em que o texto passou a ser o cenário de uma desordem que busca fazer com que os sentidos, arduamente buscados e constituídos, sejam devorados pelos ornamentos, numa espécie de cultismo tardio.

Assim, a crise existencial desse homem se apresenta, nesta literatura, por meio de reflexões que buscam num passado próximo as respostas para a origem do conflito, "daí a impressão de confusão, de caos, de desorientação e até mesmo de indecisão" (CHIAMPI, 1998, p.14).

Este indivíduo oscila entre a luz a sombra, é um ser em constante transição, que a todo o momento busca se entender e entender o universo que o cerca. Extremamente existencial, sente a necessidade de refletir e discutir sobre o seu contexto, descobrindo-se preso a uma "trama cíclica" que o aprisionará indefinidamente ao capitalismo, à mídia, à tecnologia, ao *status quo* de que rejeita, ao menos em linguagem.

Observamos isso na reflexão do ex-Rappa, Marcelo Yucca, em "A paz que eu não quero". No trecho: *"As grades do condomínio são para trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nesta prisão",* o eu-lírico reafirma a angústia de saber-se engolido pelo próprio sistema que o protege. A reflexão consiste na entrega, ou não, do indivíduo a uma sociedade homogênea e unitária, na qual as pessoas se escondem por trás de *suas* grades para não serem atingidas pelos efeitos rebarbativos do capitalismo.

A mesma questão aparece na canção "De você" (PITTY, 2005, faixa 03), no trecho: *"E quando o caos chegar, nenhum muro vai te guardar de você",* evocativo da percepção de ilusão de proteção oferecida pelo sistema, escamoteadora da real motivação para a alienação, a fuga de si próprio.

Em sua obra, Pitty apresenta esse homem dual, que oscila entre sentimentos contrários e contraditórios. As emoções se encontram imersas num "caos" total, em que a dicotomia ilusão/verdade, culmina em um estado de solidão e vazio; a desesperança o leva à desumanização que faz com que os sentimentos se cristalizem. Aceitar o "caos" enquanto gênese é expor a própria sombra, para daí emergir para a luz.

E nisso se apresenta o potencial desconstrutivo do barroco, é a partir das manifestações de desordem que a compositora busca instaurar uma ordem dos seus sentimentos, como se ali estivesse representado um momento de individuação.

Porém, tudo isso só é possível quando este indivíduo se remete a um passado, para com ele reavaliar uma estética que se encontra em agonia. O barroco, então, é revisto como a "razão do Outro", atravessando, assim, a modernidade (Buci-Glucksmann, 1984, p.27 apud. CHIAMPI, 1998, p.25).

O neobarroco é, então, a estética que prolonga a arte moderna, na qual o barroco ressurge para *ressignificar* o momento de pessimismo recursivo com os *tempos de crise*: aceitar o fracasso, o medo, a perda e a prisão (intelectual), anacronicamente avaliados e percebidos, é a primordial instância para a mudança.

3. "Admirável Chip Novo": o homem coisificado

"Admirável Chip Novo" trata-se do primeiro álbum lançado pela cantora, em carreira solo. Com uma clara referência ao clássico de Adouls Huxley (Admirável Mundo Novo), o disco traz a tona um universo de total insatisfação, em que o homem é apresentado pela perspectiva do *cyborg*: coisificado, robotizado, com seus sentimentos e suas emoções cristalizados e "tecnologizados".

Isso fica claro na faixa-título do álbum, em que o homem é metaforizado na figura do andróide: suas partes orgânicas dão lugar ao maquinário robótico, representando um ser programável e dominado. As articulações são substituídas por parafusos e fluidos, e o coração desse ser não existe, porém ele tem noção de sua existência, de que possui uma essência, e de que pode ter uma identidade própria que o diferencie de todos aqueles outros, alienados e sem perspectivas.

Temos, nessa canção, uma referência bem próxima ao *Homem de Lata* de Frank Baum, na obra *O Mágico de Oz*. Um indivíduo que tem suas emoções veladas

por não possuir um coração, portanto, não pode chorar, ou até mesmo, sentir dor. É como se esse *ser* vivesse na inércia das emoções, elas ficam guardadas, encarceradas, congeladas, pois não podem ser exteriorizadas.

Por mais que ele seja um indivíduo que se repete, esse homem busca tornar-se autônomo dos tantos iguais a ele. E é na experiência do contato com o outro, que ele percebe o quanto está tornando-se massificado. Vejamos este trecho da canção:

> Pane no sistema, alguém me desconfigurou / Aonde estão meus olhos de robô? / Eu não sabia, eu não tinha percebido / Eu sempre achei que era vivo / Parafuso e fluido em lugar de articulação / Até achava que aqui batia um coração / Nada é orgânico, é tudo programado / E eu achando que tinha me libertado / Mas lá vem eles novamente e eu sei o que vão fazer: / Reinstalar o sistema [...] (PITTY, 2003, faixa 02).

Esse homem se percebe enquanto réplica do estereótipo previsto pelo sistema: um indivíduo sem vontades próprias, literalmente programado pelos pressupostos da mídia e do mercado. Porém, ele tem noção de sua posição nesse sistema, e o nega, o critica, e anseia por mudança, mas como em toda matriz que dá defeito, o sistema faz questão de abolir-lo. Se tornando uma espécie de máquina computacional, é reprogramado: como se um vírus tivesse o invadido e precisasse ser deletado para não infectar os outros programas.

Quando esse indivíduo perde seus "olhos de robô" e passa olhar o mundo por uma ótica crítica, ele percebe-se desconfigurado, descentrado daquele meio em que tudo é aceito.

É interessante o trecho: *"Pense, fale, compre, beba / Leia, vote, não se esqueça / Use, seja, ouça, diga / Tenha, more, gaste, viva / Não sinhô, sim sinhô, não sinhô, sim sinhô..."* (PITTY, 2003, faixa 02), pois nele percebemos essa perda de maneira bem nítida. Uma estrofe formada, predominantemente, por imperativos que metaforizam as condutas que o sistema espera do homem, ele deve aceitar e absorver tudo o que é jogado pela mídia, pelo mercado, pela tecnologia, e se tornar um fantoche controlado pela sociedade capitalista, sem senso crítico e nem contestação. Um ponto importante a ser observado aqui, são os jogos performáticos de Pitty ao interpretar esse trecho, pois ela canta como se estivesse correndo, perdendo o fôlego, uma metáfora da necessidade do homem em cumprir todas as ordens impostas e obrigações ao mesmo tempo, sempre obedecendo ao "mestre", sem questioná-lo: o homem contemporâneo vive nessa condição; a fim de galgar a maior posição possível em um ambiente totalmente capitalista, acaba esquecendo-se de sua identidade, de sua individualidade.

Observando-se enquanto objeto desses contextos, esse indivíduo luta para instituir uma identidade que o dissocie dessa homogeneidade, indo de encontro a essa cultura – que ultrapassa gerações totalizando os comportamentos, as ações e as relações dos homens –, para salvar-se da ignorância intelectual que o prenderia a essa globalização lógica, porém não consegue escapar de ser tolhido e/ou "abocanhado" pelo sistema. Uma vez que ao transgredir, esse homem choca-se com concepções já, há muito tempo, arraigadas nos comportamentos/relações humanos.

Essa negação às totalizações ganha maior discussão na canção "I Wanna Be", observemos a letra:

> Alguém me interne no paraíso / Preciso urgente dar um tempo por lá / O Dia passa enquanto eu perco o juízo / Quem foi que inventou que era assim? / Sorrisos plásticos / Cumprindo seu papel / Enfeitando um rosto de pedra / Se a regra é ser tão simpático / Mesmo que seja só pra convencer toda a platéia // I wanna be away from heare / Quando essa bomba explodir // Abraços vazios, olhares de gelo / Tão descartáveis quanto cascas no chão / Flashes capturam a melhor fachada / Mas quem vê foto, não vê coração / Não quero mais fantoches ao redor / Agindo sempre assim / Só quando for conveniente / Pra ganhar bônus e somar pontos / À sua carteirinha de hipócrita oficial // I wanna be away from heare / Quando essa bomba explodir. (PITTY, 2003, faixa 10)

A compositora revela um sentimento de revolta contra a inércia intelectual dos indivíduos que constituem uma sociedade hipócrita, em que os comportamentos aparentes se sobrepõem a autenticidade de sujeitos que mostram o que não são, para poderem estar inseridos em determinado meio e não serem subjugados, eles mascaram suas verdadeiras identidades para não se mostrarem diferentes dos demais, por mais que certas posturas ou comportamentos não sejam aceitos, esses sujeitos preferem renderem-se à pressupostos que os farão "iguais" a todos.

Pitty se mostra totalmente avessa a essa forma de pensamento preferindo se colocar deslocada desse contexto, se isolando, introspectivamente, em um universo só dela, em que ela se mantém longe daquele espaço para não se "contaminar" com as formas "tortas" de comportamentos humanos. Percebemos que a identidade é buscada a partir de um processo de negação de estruturas, vistas pelo sujeito como equivocadas e hipócritas, que o poderiam levar para o mesmo caminho dos outros; o caminho da "desidentificação" consigo mesmo. Então, antes que tudo, e todos, se "explodam" ela prefere buscar um lugar em que ela se perceba autêntica.

Essa mesma questão também pode ser encontrada na canção "Máscara", no trecho:

> Tira / A máscara que cobre o seu rosto / Se mostre e eu descubro se eu gosto / Do seu verdadeiro jeito de ser // Ninguém merece ser só mais um bonitinho / Nem transparecer... consciente ou inconseqüente / Sem se preocupar em ser adulto ou criança // O importante é ser você / Mesmo que seja estranho, seja você / Mesmo que seja bizarro [...] (PITTY, 2003, faixa 03)

Elucidativo da imposição e da afirmação da identidade do sujeito. O indivíduo deve se mostrar da maneira que é, sem se preocupar com o que pensariam ou não dele: não importa o que pensa o adulto de você enquanto criança, ou o que pensa a criança de você enquanto adulto, pois cada um é sujeito de sua identidade.

As canções presentes neste álbum buscam expor a insatisfação da Pitty em ralação a certos indivíduos – sujeitos-atores de um sistema capitalista, presos às regras de uma sociedade que vive para o consumo –, que correm incessantemente para cumprir às metas do mercado, do capitalismo, da indústria e de uma sociedade hipócrita. É uma metaforização do homem contemporâneo, aquele que se transforma em máquina para prover as necessidades mercadológicas, se transformando em "bonecos de vitrine". Todos, uns iguais aos outros, temerosos de serem refreados, anulados e excluídos pelo sistema.

4. "Anacrônico": ilusão X verdade

Em "Anacrônico" a crise é existencial: o conflito ilusão/verdade é exposto para evidenciar um momento de dúvida e de busca de uma resposta para a solidão e o vazio em que se vê submerso um indivíduo já desacreditado da vida e de suas possibilidades. Uma vez que se vê reproduzindo ações e comportamentos ultrapassados.

Ele percebe isso, retomando um passado para avaliar uma cultura presente, e descobre que por mais que se tente modificá-lo, esse passado permanecerá intacto em seus valores. A faixa "Anacrônico", que dá título ao álbum, expressa claramente esse conflito:

> É claro que somos as mesmas pessoas / Mas pare e perceba como o seu dia-a-dia mudou / Mudaram os horários, hábitos, lugares / Inclusive as pessoas ao redor / São outros rostos, outras vozes / Interagindo e modificando você / Aí surgem novos valores / Vindos de outras vontades / Alguns caindo por terra pra outros poderem crescer // Caem um, dois, três, caem quatro / A Terra girando não se pode parar // Outras situações em outras circunstâncias / Entre uma e outra às vezes se vêem os mesmo defeitos / Todas aquelas marcas do jeito

> de cada um / Alguns ainda caem por terra pra outros poderem crescer // Outro ciclo / Em diferentes fases / Vivendo de outra forma / Com outros interesses / Outras ambições / Mais fortes, somadas com as anteriores / Mudança de prioridades / Mudança de direção / Alguns ainda caem por terra pra outros poderem crescer. (PITTY e GRACO, 2005, faixa 02)

Percebemos então, que indivíduos apresentados nesta canção vivem um conflito existencial intenso, pois anseiam por mudança, mas acabam por perceber que são apenas reprodutores de um sistema já pré-estabelecido. Por mais que surjam novos valores, eles serão sempre determinados por noções anteriores "vindas de outras vontades" e de outras formas de pensamento. Ou seja, o passado neste sentido apenas é modificado com a intenção de se adequar a uma geração, de se enquadrar num contexto diferente daquele anterior, porém seus valores permanecem os mesmos; de tão arraigados que estão, vão atravessando gerações influenciando no modo de vida das pessoas. Os ciclos são outros, as ambições são outras, porém existem para reforçar idéias e lógicas anteriores.

A crise de identidade desse indivíduo tem origem nesse sentido: ele tenta construir uma identidade própria, mas se vê condicionado a formas já muito cristalizadas no seu meio, que o faz ser uma reprodução do outro. E isso é caótico para esse homem, porque ele expõe-se, mas acaba por refletir em suas atitudes, outras já vividas. A própria Pitty fala que entre uma e outra situação e/ou circunstância diferentes se vêem os mesmos defeitos que trazem consigo marcas de outros, que já trouxeram traços de outros, e assim se torna um ciclo, como a Terra que gira e não para.

Esse indivíduo se torna um ser extremamente angustiado, pois percebe-se dentro de um sistema em que é bombardeando por constantes inversões de valores, em que sempre alguém é sacrificado para o benefício de outro, e nota que esse erro é repetido por ele mesmo, o dilema do *"to be or not to be"* é o pilar da crise de sentido desse homem. O que torna sua essência extremamente barroca, pois se vê preso a conflitos/antíteses com os quais não sabe lidar. Por isso esse clima de confusão e "caos" presente na música, uma vez que a abstração dessa realidade obscura acontece através de efeitos sensoriais que captam desse universo, caótico e contraditório, seqüências extremamente imagéticas que fazem com que o ouvinte/leitor absorva esse sentimento dual, a partir do ambiente caótico que as distorções de guitarras criam mescladas às baterias, dialogando com a letra intersemióticamente, para metaforizar o universo caótico do homem neobarroco presente nas canções de Pitty.

Outra canção muito importante para o disco é "Memórias", em que esse homem se vendo envolvido por esse universo de contradições e inversões, busca negar esse estado de reprodução dos valores arcaicos, apreendidos de gerações anteriores à sua, e tenta se impor enquanto um ser autônomo. Os aprendizados que poderiam surgir com o contato com outras gerações são negados. O que determina essa busca, incessante, por uma identidade própria. Como vemos neste trecho da canção: "Eu fui matando os meus heróis, aos poucos, como se já não tivesse nenhuma lição para aprender" (PITTY, 2005, faixa 04), que alude para um momento de reflexão, em que se põe em xeque tudo o que foi ensinado ou passado pelos mais velhos. Esses "heróis" fazem referência aos pais, aos avós, que sempre assumem a incumbência de passar aos mais novos as regras para se viver. Porém, esse sujeito percebe que isso não tem valor, que essas lições são falhas, arcaicas, calcadas em pensamentos ultrapassados.

Podemos afirmar que esse sujeito entra em um processo de individuação, ele agora passa a negar o *status quo* que o rodeia e aceita as orientações advindas do seu "*eu-mesmo"*, de sua personalidade individual. Um bom exemplo para ilustrar isso é o trecho: *"Memórias, não são só memórias, são fantasmas que sopram aos ouvidos coisas que eu nem quero saber. Eu dou sempre o melhor de mim e sei que só assim é que talvez se mova alguma coisa ao meu redor"* (PITTY, 2005, faixa 04), em que aqueles "heróis" se tornam fantasmas, estão mortos, não têm mais pra que ouvir-los. Por mais que eles continuem ali tentando impor o seu modo de pensar, esse sujeito os ignora, pois encontrou transportando-se para dentro de si, o meio para transgredir, negando os ditames do seu meio e se encorajando pelo seu "*eu-consciência"*..

As descobertas desse homem surgem da leitura das experiências de outrora, de outrem, refletidas no presente, como marcas identitárias que são absorvidas e reconstruídas, modificadas pelo indivíduo de maneira totalmente anacrônica, ele precisa perceber o passado, e suas contradições, para conceber um novo presente.

5. "{Des}concerto": o passar do tempo, reflexos do anacronismo

"{Des}concerto" é fruto de um trabalho *ao vivo* lançado em 2007 que mescla canções do primeiro e do segundo disco da cantora, uma obra muito visceral na qual Pitty se doa por inteiro para fazer com esteja muito bem representado universo conturbado e "caótico" desse homem (neobarroco) que ela vem apresentando desde o primeiro disco.

É interessante observar, antes de qualquer coisa, a construção do título deste disco: o prefixo *des-*, um prefixo que indica uma ação que está contaria a outra, está colocado entre chaves, como se a "desordem" dos sentimentos, expressa nas letras presentes, no álbum fosse a chave para a ordem, ou seja, o "caos" é responsável por originar a ordem.

Esse disco deve ser visto como uma representação da passagem do tempo, no qual é apresentado o "caos" das emoções, nele a desesperança é total. É interessante perceber o quanto ele dialoga com os discos anteriores, principalmente com o "Anacrônico". Nele se vê representado o sepultamento das esperanças, o indivíduo retratado está começando a aceitar que suas falhas e faltas.

A primeira música desse disco é "Anacrônico", que como já foi visto, retrata um indivíduo completamente desacreditado de si e do meio que o rodeia. A segunda canção desse disco é "Admirável chip novo", o homem coisificado, sem identidade. E a terceira canção é "Semana que vem", que fala efemeridade do tempo, como se o seu passar levasse o homem para a decadência: uma vez que com decorrer do amadurecimento vem a velhice e a morte. Essas três canções expressam traços tipicamente barrocos: a percepção de um mundo inseguro, cheio de contrastes e de insegurança, em que é expressa uma realidade humana angustiante, onde não há solução para esse sentimento de desordem, de "caos" emocional. Portanto a escolha dessas três músicas para abrir o show {Des}concerto não foi arbitrária, uma vez que esse é um disco que mostra que o passar do tempo traz consigo a desesperança do homem.

Em "Semana que vem" o sentimento é de se viver intensamente a vida, pois o tempo escamoteia tudo, deve-se viver antes que se acabem as oportunidades. O refrão da música deixa esse sentimento explícito: "Não deixe nada pra depois, não deixe o tempo passar, não deixe nada pra semana que vem. Porque semana que vem pode nem chegar" (PITTY, 2007, faixa 03), tudo é vivido como se não houvesse perspectivas de futuro, uma vez que esse indivíduo não encontra respostas para as suas inquietudes. Em outro trecho desta canção temos o seguinte: *"Esse pode ser o último dia de nossas vidas, última chance de fazer tudo ter valido a pena. [...] Nós não temos todo tempo do mundo e esse mundo já faz muito tempo. O futuro é o presente, e o presente já passou"* (PITTY, 2007, faixa 03), então, percebe-se que a noção de futuro é realmente anulada por esse sujeito, pois ele percebe-se na "beira de um abismo" que o levará indefinidamente para o declínio. E o declínio para esse homem é o envelhecimento.

Essa passagem temporal deve ser entendida como um reflexo do anacronismo, percebe-se em cada uma das canções já expostas aqui, apresentam sentimentos contrários e contraditórios entre si: ora esse homem deve se entregar aos modelos do sistema, ora ele deve negá-lo para se contrapor à idéias ultrapassadas apreendidas dos seus ancestrais. Em contrapartida ele deve viver cada dia como se fosse o único e último, pois o tempo é impiedoso.

Todos esses conflitos fazem com que esse homem reflita e se sinta fracassado, amedrontado e acuado. Ele consegue salvar-se da alienação lógica causada pelo sistema, uma vez que ele tem noção de qual é sua posição, porém não pode escapar de ser também absorvido por esse sistema, pois é produto das circunstâncias. Como observamos em "Malditos Cromossomos":

> Todas a características / Explicitas ou escondidas / Físicas, psíquicas / Genética ou adquirida / Raiva competitiva / Apatia desmedida / ângulo fora do esquadro / Objeto fálico / Ah! Malditos cromossomos! / Teoria darwinista / O fruto, o meio, a iniciativa / livre-arbítrio ou prisão / Genealogia da exclusão / Tanta coisa já contida / E o exemplo ao longo da vida / Espécie de bagagem / Um dia sempre pesa na viagem / Ah! Malditos cromossomos! / De onde veio a cor / Ou a angústia que mora aqui? / No filho eu vejo o pai também / Ninguém pode evitar. (PITTY e MARTIN, 2007, faixa 08)

Esta canção apresenta uma síntese da idéia desse indivíduo que, mesmo lutando contra, se descobre enquanto reprodutor de conceitos e comportamentos herdados ao longo da vida, advindos de outras gerações. Ele se conforma com a idéia de ser mais uma cópia, uma vez que não consegue se impor enquanto indivíduo autônomo e singular. Como se não pudesse evitar a presença imponente dos conceitos e valores passados hereditariamente.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, pudemos perceber o quanto é presente a estética barroca na obra da cantora Pitty, em um panorama geral do que seria essa reapropriação do barroco enquanto estética recorrente da literatura latino-americana. Lógico que esta se trata de uma pesquisa ainda muito incipiente, pois deixa de fora muitos outros dados que ainda devem ser vistos e revistos, e idéias que precisam ser melhor "amarradas". Ou seja, estamos concluindo, sem concluir.

Porém, a partir da análise das canções aqui expostas, pudemos ter uma noção de como Pitty busca apresentar o conflito do homem da modernidade tardia, um indivíduo descentrado de seu meio que se vê alvejado pelos ditames do capitalismo.

Ele tenta fugir da massificação imposta pelo mercado, mas acaba percebendo que é engolido pelo sistema.

O barroco torna-se nesta perspectiva, a válvula pela qual este indivíduo irá criticar e negar as totalizações impostas. Surge com isso o fim de uma era de utopias, uma nova estética de rupturas, em que o caráter neobarroco se torna o subsídio para a revisão da modernidade estética, na qual o sujeito passa a perceber os sintomas de um mal-estar na sua cultura, e a arte é o meio pelo qual ele expurga todos os conflitos para aceitar a sombra de onde se origina.

Referências bibliográficas

CALABRESE, Omar. A Idade Neobarroca. Lisboa: Edições 70, 1999.

CHIAMPI, Irlemar. A Literatura Neobarroca ante a Crise do Moderno (sobre Severo Sarduy). In: Barroco e modernidade: estudos sobre a literatura latino-americana. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1998. P.23-35

CHIAMPI, Irlemar. O Barroco no ocaso da modernidade. In: Barroco e modernidade: estudos sobre a literatura latino-americana. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1998. P.3-22.

PITTY. CD {Des}concerto, da obra de Pitty, composição de Pitty. Produzido por Rafael Ramos. São Paulo–SP: Deckdisc, 2007.

PITTY. CD Admirável Chip Novo, da obra de Pitty, composição de Pitty. Produzido por Rafael Ramos. São Paulo–SP: Deckdisc, 2003.

PITTY. CD Anacrônico, da obra de Pitty, composição de Pitty. Produzido por Rafael Ramos. São Paulo–SP: Deckdisc, 2005.